



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

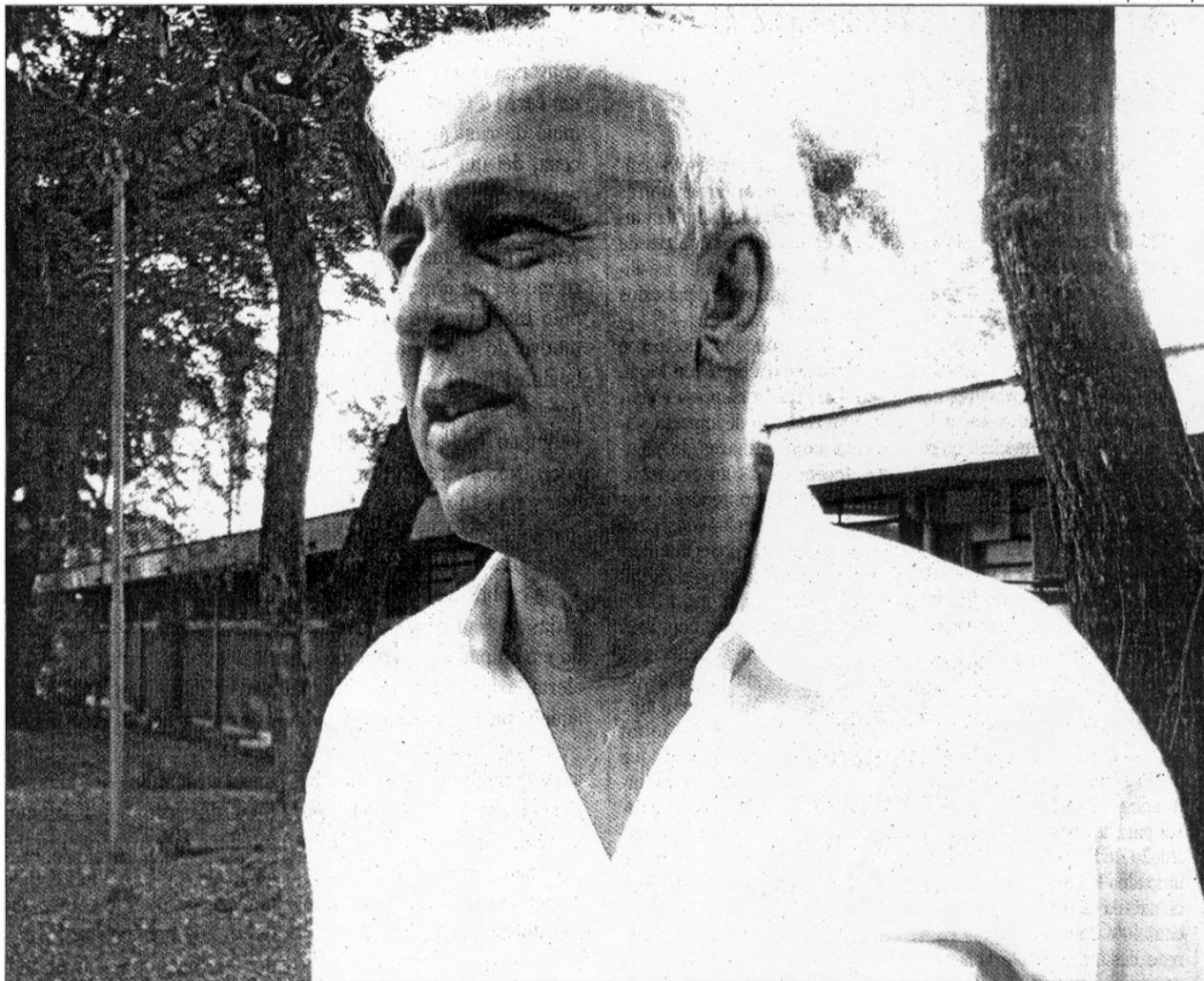
Veículo: A Tribuna Piracicabana

Data: 18-10-07 (quinta-feira)

Caderno/ Páginas: Capa e A-4

Assunto: A semente do Cena no Nobel da Paz

Edson Lopes de Campos



CENA NO NOBEL DA PAZ

A conquista do Nobel da Paz, pelo ex-vice-presidente dos EUA, Al Gore, tem uma boa pitada de trabalho do professor-titular do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (Cena), Carlos Clemente Cerri, que participa dos estudos que resultaram no Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês). O estudo deu origem ao documentário “Um verdade inconveniente”, que se tornou a principal produção na propagação dos problemas com o aquecimento global. O filme justificou o Nobel da Paz ao político democrata dos EUA. Indicado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia para compor o grupo, Cerri começou a atuar intensivamente na elaboração do segundo relatório do IPCC em 1993. **A4**

A semente do Cena no Nobel da Paz

Professor Carlos Cerrti integra painel de estudos que originou o filme "Uma verdade inconveniente", produção que justficou prêmio a Al Gore

Romualdo Cruz Filho
romualdo@tribunamp.com.br

Carlos Clemente Cerrti, professor titular do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (Cena), é um dos cientistas brasileiros que participaram do grupo de pesquisadores do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), instituição ligada à Organização das Nações Unidas (ONU), que recebeu o Prêmio Nobel da Paz de 2007, junto com o ex-vice-presidente dos EUA, Albert Arnold Gore Jr, mais conhecido como Al Gore, autor do documentário "Uma verdade inconveniente".

Indicado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia para compor o grupo, Cerrti começou a atuar intensivamente na elaboração do segundo relatório do IPCC em 1993. "Não participei do primeiro relatório, de 1991. E fui responsável pela redação final do tópico que trata das mudanças na agricultura devido ao impacto decorrente das alterações climáticas", conta. O documento, publicado em 1995, é o que serviu de base científica para a elabora-

volvimento limpo com a finalidade de evitar o araque do efeito estufa", garante. Graças ao protocolo, a ONU sugeriu o desenvolvimento de um guia complementar com procedimentos para cálculos de emissão dos gases de efeito estufa decorrentes do uso da terra para a agricultura. E um outro sobre a vulnerabilidade da América Latina em relação às mudanças climáticas. Ambos ficaram sob a coordenação de Cerrti, responsável pela redação final dos documentos.

A partir de 2005, no entanto, Cerrti resolveu dar mais atenção às suas atividades acadêmicas, não participando diretamente da elaboração do terceiro e quarto relatórios, que são o aprofundamento dos dois primeiros. Ele passou a acompanhar os trabalhos à distância. "Tram muitas viagens pelo mundo. Cheguei a fazer mais de dez em um mesmo ano", afirma. O desancamento foi facilitado com o aumento do número de cientistas envolvidos. "No início eram 200 de todo o mundo, dois de cada país. Com o tempo, foram entrando outros e pude então voltar à normalidade da vida aca-



Edson Lopes de Campos

Carlos Cerrti foi Indicado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia e participou de estudos para o IPCC a partir de 1993

ção do Protocolo de Kyoto, que passou a chamar a atenção do mundo a partir de 1997.

De acordo com Cerri, cada país indicava dois cientistas para ajudar na avaliação de informações, sintetizar dados e obter um documento final. "Trabalhávamos no estado da arte", recorda o professor, ao explicar que passava pelas mãos dos cientistas o que havia de mais avançado no mundo em termos de pesquisas climáticas. "A partir da ratificação do Protocolo de Kyoto, em 2005, começaram a surgir os primeiros mecanismos de desen-

dénica". Hoje o IPCC conta com aproximadamente três mil cientistas, dez somente do Brasil.

AL GORE

Cerri diz que o IPCC está estudando o impacto do Prémio Nobel e a direcção da entidade pretende se manifestar somente em novembro. Em sua opinião, com o documentário, Al Gore deu visibilidade aos estudos do instituto. "Mas acreditamos que é a instituição que deve ser ressaltada e não as pessoas que trabalharam nela", explica. A presença do IPCC está no fato de

não querer se tornar objeto de disputa política, uma vez que o democrata Al Gore está em constante confronto com o republicano George W. Bush.

Quanto à situação do clima no planeta, o cientista prefere não considerá-la assustadora, uma vez que os estudos apresentam cenários que podem ganhar tons preocupantes dependendo de fatores extras e do que for feito para evitar o acirramento do efeito estufa. "Antes havia muita dúvida para se saber o que era um fator natural, isolado, e o que era resultado da interfe-

rência humana. Esta dúvida vem diminuindo", explica Cerri. Em tese, não é possível ainda dimensionar setores os problemas que estão acontecendo no mundo, como derretimento das calotas polares, elevação do nível das águas dos oceanos, secas etc, estão diretamente relacionados ao efeito estufa.

Na opinião de Cerri, a seca que está prejudicando boa parte do país, por exemplo, pode ser fruto de uma série histórica. "Se em algum período a seca também foi intensa, podemos estar diante de algo natural. Por

isso, o IPCC diz que há desequilíbrio energético, em que a entrada de radiação é maior que a saída, devido aos gases de efeito estufa. Desequilibrando assim a temperatura média do planeta em 15 graus", detalha.

De acordo com os estudos, a energia que deixa de sair se converte em calor após ser absorvida pelos gases de efeito estufa, que ficam na superfície do planeta, como o CO₂, por exemplo, resultando em 1,6 watt por metro quadrado. "A energia do sol que chega equivale a 240 watts por metro quadrado. Des-

se total, 1,6 bate na superfície e volta, tornando-se energia térmica. Isto provoca um aquecimento global de 0,76 grau centígrado na média", diz. Com essa constatação do IPCC, e com a produção de "Uma verdade inconveniente", apresentando ce-

nários sobre o que pode acontecer com o planeta, feita por Al Gore, tem-se um Prémio Nobel da Paz. Falta agora o acirramento das políticas públicas para reduzir a produção dos gases de efeito estufa, para evitar que os alarmistas ganhem a luta contra a racionalidade.